



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário
Instagram: @massas.por
Nº 23 - 27/08/2026



Manifesto do Partido Operário Revolucionário

PARA BARRAR AS PRIVATIZAÇÕES, É PRECISO ORGANIZAR UM LEVANTE DAS MASSAS!

Que a direção das centrais, sindicatos e movimentos convoque um Dia Nacional de Luta, com paralisações e atos massivos de rua, contra as privatizações e a terceirização, vinculadas às reivindicações elementares dos explorados, em defesa dos empregos, salários e direitos!

Pela reestatização, sem indenização e sob o controle dos trabalhadores, de todas as empresas privatizadas! Em defesa da estabilidade no emprego para todos! Abaixo a precarização e o sucateamento dos serviços prestados à população!

Tarcísio de Freitas e Ricardo Nunes, no governo estadual e na Prefeitura da capital respectivamente, têm realizado uma forte onda de privatizações em diversos setores. O governador do partido Republicanos entregou a EMAE e a Sabesp, linhas da CPTM, rodovias, serviços lotéricos e 33 novas escolas estaduais. Nunes/MDB privatizou cemitérios e o serviço funerário, e agora pretende entregar a gestão de três escolas municipais à iniciativa privada. O prefeito ainda deu prosseguimento e ampliou vários projetos de privatização herdados de Doria e Bruno Covas: Mercado Municipal, Pacaembu, Anhembi, parques (entre eles o do Ibirapuera), Vale do Anhangabaú, Zona Azul, entre outros.

Essa onda entreguista, no entanto, começou antes. Em especial os governos estaduais do PSDB, de Mário Covas, Alckmin e Serra levaram a cabo vários projetos de privatização: os casos mais conhecidos foram o do Banespa, da Eletropaulo, da Comgás, da Fepasa e outros.

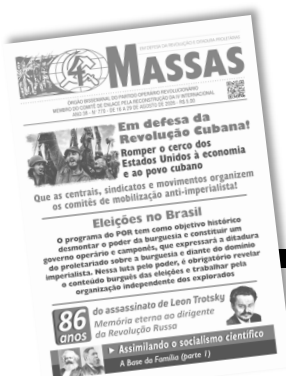
No âmbito federal, o governo atual de Lula contabiliza cerca de 50 leilões federais de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. Antes dele, Fernando Henrique Cardoso entregou a Companhia Vale do Rio Doce, Telebras/Embratel e a Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Lula, nas gestões anteriores, privatizou as usinas de Santo Antônio, Jirau e Belo Monte, além de rodovias, linhas de transmissão e outras empresas. Dilma vendeu aeroportos, rodovias e o Campo de Libra, no pré-sal. Temer deu continuidade ao entreguismo, tendo iniciado o processo para

privatizar a Eletrobras, concluído por Bolsonaro, sendo que esses dois últimos presidentes mencionados deram claramente um impulso poderoso à onda privatista.

Como se vê, tanto os governos de direita como os ditos de esquerda têm cedido à pressão realizada pelo capital financeiro para entregar as empresas estatais à burguesia. Do ponto de vista jurídico, têm utilizado os mecanismos da venda/leilões, concessões e PPPs (Parcerias Público-Privadas). Na prática, todas essas modalidades significam passar ao controle privado empresas e serviços antes sob controle estatal. Nas mãos dos capitalistas, a função dessas empresas passa a ser unicamente dar lucro aos seus proprietários.

A justificativa usada pelos governos e pelos ideólogos da burguesia costuma ser sempre a mesma: melhoria na eficiência e qualidade dos serviços, otimização da gestão e desresponsabilização do Estado, o que supostamente liberaria mais recursos para aplicar em outras áreas. Pura falácia! O resultado para a população tem sido sempre o aumento de tarifas e cobranças, demissão e precarização das relações trabalhistas, e sucateamento dos serviços prestados. Sob controle privado, a regra passa a ser cortar ao máximo os custos para maximizar o ganho dos donos, não importando os reflexos negativos no atendimento.

O que tem sido comprovado pelas diversas notícias veiculadas recentemente pela mídia. Desde 2025, a Sabesp vem adotando redução noturna da pressão da rede, medida que, em determinadas áreas, tem provocado efetiva interrupção ou forte redução



Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR), que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O POR chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!**

do abastecimento, além de ocorrerem cortes temporários decorrentes de obras e problemas operacionais.

Na semana do dia 20 de julho, a concessionária Trivia Trens passou a assumir as linhas de trem 11-Coral, 12-Safira e 13-Jade. Já nos primeiros dias de operação, diversas falhas ocorreram, gerando o caos nos transportes e concluindo em um incêndio em um trem com passageiros. Os usuários foram obrigados a andar pelos trilhos e até a passar por cima de pontes, em imagens que foram amplamente divulgadas nas redes sociais e na mídia burguesa.

Nessa mesma semana, o filho de senegaleses, Abdoulaye Dieng, uma criança de 1 ano e 4 meses, morreu sufocada em uma creche conveniada, após se prender entre uma barra de ferro e o espelho, tendo ficado cerca seis minutos tentando se soltar. Essa creche faz parte das privatizações de Ricardo Nunes na educação infantil. Vale lembrar que, mesmo assim, o prefeito mantém sua proposta de entrega da gestão de novas escolas à iniciativa privada, projeto que se encontra temporariamente suspenso por uma liminar.

A privatização na educação municipal, no entanto, começou muitos anos antes. Marta Suplicy/PT deu um enorme impulso ao terceirizar o setor de merendeiras, além de ter um papel central na consolidação e expansão desse processo nos setores de limpeza e segurança das escolas. Serra, Kassab, Haddad, Doria, Covas e Nunes aprofundaram essa linha.

O mecanismo de ir fatiando e entregando setores, das chamadas atividades-meio, foi usado em várias empresas estatais, como no Metrô, na Saúde e outros casos. Como não houve uma expressiva resistência por parte dos sindicatos e movimentos, o processo foi se espalhando, até concluir em 2017 com a aprovação, em âmbito federal, da Lei da Terceirização – portanto durante a gestão Temer. Essa lei estendeu a possibilidade de terceirização das atividades-fim.

O resultado tem sido o pior possível: os trabalhadores terceirizados são mais explorados, recebem menos e têm menos direitos – aspecto facilitado pela aprovação da contrarreforma trabalhista, também em 2017. A rotatividade nessas empresas é muito alta, o autoritarismo das suas gestões é brutal, com cobranças de metas absurdas e uma ameaça constante de demissão. O índice de sindicalização é baixo e os trabalhadores ficam fragmentados em várias entidades representativas. Está aí a tal “eficiência” tão palpada pela burguesia!

Os trabalhadores até têm realizado uma resistência por meio dos sindicatos, mas muito aquém da necessidade. Isso porque as direções sindicais têm permanecido no imobilismo, limitando-se às denúncias, aos recursos judiciais e apelos inócuos no Parlamento.

Um caso sintomático é o da recente greve realizada pelo movimento sindical dos ferroviários em São Paulo. Os dois dias de paralisação foram importantes, mas tiveram sua força contida pela política da direção do sindicato, a qual, apesar de se pronunciar formalmente contra a privatização, deu-se por satisfeita com a promessa feita por Tarcísio de Freitas de absorver os funcionários concursados. Essa exigência, muito simples de ser cumprida pelo Estado, acabou servindo de moeda de troca e, na realidade, dei-

xou as portas abertas para a continuidade da privatização.

Outro exemplo de resistência sufocada pelas direções sindicais está na educação municipal. A direção do SINPEEM, que é o principal sindicato da categoria, limitou-se a publicar notas críticas à privatização, comemorando que as privatizações de Ricardo Nunes foram suspensas liminarmente pela Justiça. Essa linha tem impedido que a insatisfação e a revolta dos educadores se transformem em ação coletiva.

A própria convocação do ato do dia 28/8 foi resultado de uma articulação em torno à “Frente em Defesa da Educação, dos Serviços Públicos e Contra as Privatizações e Terceirizações”. O chamado tímido e tardio sequer apontou a paralisação das escolas. Como a base dos trabalhadores pode participar de uma manifestação se estão trabalhando em suas unidades? Fica evidente o caráter formal, “pra inglês ver”, da convocação.

Na verdade, as direções só têm se movimentado devido à pressão exercida pela gravidade dos ataques dos governos e da burguesia, procurando controlar e limitar a resposta, principalmente tentando canalizar a revolta instintiva para o campo do eleitoralismo. Em São Paulo, o ato do dia 28 tem sido conduzido como mera ferramenta de desgaste eleitoral de Tarcísio, ou seja, como parte da campanha em defesa da candidatura de Haddad/PT.

Prova disso é que se negam a mencionar as privatizações realizadas pelos governos petistas e aliados Brasil afora, e se negam a denunciar o papel do BNDES, controlado por Lula, nas privatizações de Tarcísio e Nunes. Essa seletividade comprova que o verdadeiro objetivo das direções sindicais, em grande parte ligadas ao petismo, não é realizar uma ampla ação de combate às terceirizações e privatizações.

O POR denuncia a demagogia e a hipocrisia das direções sindicais. O partido tem defendido que para barrar o entreguismo e a precarização é preciso um verdadeiro levante das massas. A luta contra as privatizações deve se dar com a bandeira da reestatização, sob o controle dos trabalhadores e usuários, com a efetivação de todos os funcionários, com estabilidade no emprego.

É necessário constituir a mais ampla unidade no campo da independência de classe dos trabalhadores e da juventude oprimida, erguendo os comitês e convocando as assembleias de base, tomando como ponto de partida as reivindicações básicas dos explorados. O POR defende que as centrais, sindicatos, movimentos sociais e entidades estudantis convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e atos de rua. Somente com o método da ação direta, ou seja, com as passeatas massivas, greves, ocupações etc., será possível derrotar a poderosa onda privatista dos governos.

LANÇAMENTO! Adquirá já com o distribuidor do Massas.

CRISE MUNDIAL IMPULSIONA O INTERVENCIONISMO DOS ESTADOS UNIDOS

R\$ 40

O POR dedica este livro à tarefa de constituir a frente única anti-imperialista, sob a estratégia e a direção da classe operária. Está posta de maneira absolutamente clara a defesa das nações oprimidas contra a opressão imperialista.

